

NA UNIÃO SOVIÉTICA É PROIBIDO TER IDEIAS PRÓPRIAS, POIS, COMO SE SABE, PERTENCE TUDO AO ESTADO...

A Voz de Loulé



PORTO
PAGO

ANO XXI

14-7-1977

(Preço avulso: 5\$00)

N.º 631

Composição e Impressão
«GRÁFICA EDITORA»
Av. João Ferreira da Maia, 20
Telef. 92091
RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO

José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
GRÁFICA LOULETANA
Rua da Carreira
Telef. 6 25 36
LOULÉ

A BANDEIRA DO DESPERO

Santo Agostinho definiu a Fé como a substância da esperança e a convicção das coisas invisíveis.

A Fé, como se sabe, pode encanhar-se para as más diversas doutrinas. No entanto, uma certeza existe: um homem, tal como uma nação, não se desenvolverá nem viverá em plenitude se não fôr animado pela fé numa verdade transcendente e da qual possa participar.

Alguns homens deste País afamados por desmedida vaidade e incontrollável hipocrisia, têm-se empenhado em estigmatizar conceitos que, erguidos como bandeiras, congregaram durante bastante tempo, por força da incontestável atração da pureza dos seus princípios, largas camadas de bem intencionados aderentes.

Uma a uma, aquelas bandeiras foram sucessivamente esfarrapadas pela implacável corte daqueles veneráveis varões. A primória a cair em frangalhos foi a bandeira do Povo. Agarrada esperançosamente com mãos tremulas de contentamento, ela era triunfalmente exibida por bem intencionadas multidões que entoavam a melodia habilmente importada do Chile:

o povo, unido, jamais será vencido!
A esta, juntavam-se os acordes de Grândola Vila Morena onde se dizia enfaticamente que o povo é quem mais ordena. Pobre Povo! Como nunca ordenou coisa nenhuma nem nunca esteve unido, as canções foram paulatinamente esquecidas.

Logo de seguida vio a bandeira das Liberdades! Era a bandeira freneticamente desfraldada da liberdade de associação, de reunião, de expressão, enfiou um mar de Liberdades. E todo um delírio de comparações se

(continua na pág. 2)

Estará para breve
a autonomia
financeira
dos municípios?

Finalmente parece constituir para o Estado uma preocupação a autonomia financeira das autarquias locais.

Segundo consta, o Conselho de Ministros tem vindo a apreciar um projeto de lei que visa criar meios financeiros próprios, através de um conjunto de medidas, a propôr pelo governo.

Nesta conformidade, a passagem do imposto sobre veículos para o âmbito municipal, bem como a criação de um imposto fundiário, em substituição

(continua na pág. 6)

ENTREVISTA com o Presidente da Sociedade Filarmónica «Artistas de Minerva»

Conforme foi anunciado no número de 2-6-77 de «A VOZ DE LOULÉ», completou recentemente o seu centésimo primeiro ano de existência a Sociedade Filarmónica «Artistas de Minerva».

Paralelamente a esta efeméride, efectuaram-se eleições para os novos corpos directivos daquela prestigiosa sociedade, das quais saiu vencedora uma lista composta por homens de boa vontade, cujos nomes bastante especulativa estão a causar em todos os louletanos não só face ao seu já co-

nhecido bairrismo, como também face às novas concepções de trabalho que ali pretendem desenvolver e pôr em prática.

Revelam-nos círculos afectos
(continua na pág. 4)

DUAS NOVAS FORMATURAS

Terminaram, recentemente, os cursos que frequentavam, na Faculdade de Direito de Lisboa e no Instituto Superior de Engenharia, da mesma cidade, os nossos estimados amigos e antigos colaboradores de «A Voz de Loulé», respectivamente sr. Dr. Manuel Sequeira Afonso e eng.º sr. D. Apolinária Maria Nunes Mealha Sequeira Afonso.

Este jovem casal vê assim coroados de êxito os seus esforços como estudantes. E não só como estudantes mas também como trabalhadores, que simultaneamente foram, são e vão continuar a ser, agora com maiores responsabilidades no campo profissional.

O Sequeira Afonso e a Apolinária
(continua na pág. 5)

É GRAVE O PROBLEMA DA HABITAÇÃO EM LOULÉ

Ausência de atitudes corajosas com forte poder de decisão, têm travado, desde há longos anos, o progresso urbanístico de Loulé.

Houve até quem travasse a construção de novas casas, com medo que baixassem as rendas das «suas» casas.

Decisões ditatoriais de quem coloca os seus interesses acima de tudo o mais.

São fases de uma época que não será esquecida, porque deixou profundas cicatrizes e prejuízos irreparáveis.

Passados anos, porém, parece que tudo continua na mesma... ainda que sejam diferentes os motivos.

Não há quem venda terrenos, os poucos são caros e tudo continua emperrado a ver passar os anos...

Durante o Processo Revolucionário

Que Esteve em Curso, foram publicadas leis que, se supunha, iriam resolver, finalmente, o problema da habitação em Portugal.

...Era só fogo de vista, pois o objectivo era destruir tudo.

Ocupações selvagens de casas e

(continua na pág. 5)

ANTÓNIO ALEIXO autor mais lido na Feira do Livro de Lisboa

Um dos menos letRADOS, mas não menos talentoso autor português, António Aleixo, constitui o mais relevante



voritismo do leitor português por António Aleixo, representa a consagração póstuma da sua admirável obra poética.

Preços da assinatura de «A Voz de Loulé»

6 meses	130\$00
12 meses	260\$00
6 meses (estrangeiro)	230\$00
12 meses (estrangeiro)	450\$00
6 meses (estr.) avião	320\$00
12 meses (estr.) avião	600\$00

Considerando os elevados encargos da cobrança, muito agradecemos aos nossos assinantes o envio da respectiva importância ou, pelo menos, a não devolução dos recibos que forem apresentados.

«O DESAFIO QUE ENFRENTAMOS NÃO SE VEN-

CERA SEM CALEJAR AS MÃOS DOS QUE TRABA-

LHAM».

Presidente Ramalho Eanes no discurso de 10 de Junho na Guarda.

Festas de Verão em Loulé

Ainda em fase de preparação, as «Festas de Verão de Loulé», constituem, pelo que se sabe e pelo que consta, um promissor cartaz de cunho popular e de vocação turística, de inequívoco interesse, como complemento diversificado ao afamado galardão das belezas naturais do litoral.

Loulé, uma vetusta, voluntariosa e poética Vila, pôrtico da serra algarvia cujas festas carnavalescas já granjearam merecida notoriedade, pretendem fomentar um outro polo de animação não destoante do seu proverbial dinamismo.

Ao empenhar-se por esta realização sazonal, Loulé pretende de facto con-

tribuir para a promoção turística e intercâmbio de visitantes da orla marítima para o interior, despertando-os

(continua na pág. 3)

O ZÉ EMBASBACADO:

OLHA TEMOS AGORA A «GUERRA DA PARRA»!

O nudismo, depois de andar nas revistas proibidas, vai agora, ao que dizem, legalizar-se nos campos para

ele reservados, se entretanto vingar a discussão introdutória, a decorrer a nível de Assembleia da República.

O Zé fica atônito com esta escala libertária que tem por fim — já nem sequer fala nos bikinis ou calções — eliminar a elementar «folha de parra» de cobertura ao sexo, por decência e decoro.

Fica também intrigado com a maneira displicente com que muita gente

(continua na pág. 3)

O ALGARVE E OS DIREITOS HUMANOS

A opinião pública do Algarve, justamente indignada perante os atropelos que continuam a suceder-se na África Austral, conhece agora novos motivos de escandalizado repúdio, em face das inquietantes notícias referentes ao dramático êxodo de famílias inteiras que procuram desesperadamente furtar-se ao totalitarismo vigente no Vietname.

Julgando interpretar correctamente o sentimento dos algarvios, apelamos para a solicitude do Senhor Governador Civil, confiando à sua fibra de intrágente lutador pela defesa dos Direitos Humanos a pungente situação que se vive naquelas paragens do Sueste Asiático.

Permitimo-nos ainda, e em aditamento, recomendar a valiosa intervenção do chefe do distrito em favor da mudança da atitude assumida por alguns países vizinhos do martirizado Vietname que, num alarde de chocante deshumanidade, têm devolvido alguns daqueles refugiados ao seu país de origem, com consequências fáceis de adivinhar.

F. R.

O SIGNIFICADO DE UMA ATITUDE

No decurso da longa entrevista que amavelmente concedeu ao nosso jornal, afirmou a dado passo o Senhor Presidente da Câmara de Loulé, referindo-se ao Parque Municipal que, em seu entender, os louletanos mantêm uma dívida de gratidão para com as câmaras que, há longos anos, se debruçaram e estudaram a realização do Parque.

Este estilo, infelizmente invulgar nos tempos que passam, define um Homem e credencia um dirigente. Será que, a partir de agora, vamos finalmente saber que no anterior regi-

(continua na pág. 6)

A bandeira do desespero

(continuação da pág. 1) estabeleciam com os omoios tempos, com relatos mórbidos de perseguições e torturas, constando até que houve uma virtuosa senhora que, a troco de 40 contos, se dispôs a relatar regatinhos mais traços que nunca sofrera. E havia sobre tudo a liberdade de caluniar, liberdade de insultar domínio em que as paredes de Loulé exibiram de maneira eloquente, a grandeza das conquistas alcançadas. Mas veio o 28 de Setembro, montaram-se barricadas e, num frenesi atuado, começaram a caça às bruxas. Distinguiram-se neste asomo de fervor revolucionário alguns intrépidos militantes do PS, mais tarde tão escandalizados como os atropelos sofridos pelo jornal *República*.

Entretanto, encheram-se as prisões com centenas de malfeitos associados para o efeito convocados arreios de mandatos de captura assinados em branco pelo inefável Oteiro, dissolveram-se partidos políticos, inventaram-se atentados à veneranda figura do então primeiro ministro. Deste modo, a pobre bandeira da liberdade ficou bastante mal tratada. Mas veio o 13 de Dezembro, prenderam-se os sabotadores económicos, que eram afinal todos os grandes empresários, e a bandeira mais esfarapada ficou.

Veio então o 11 de Março, prendaram-se mais dezenas de perigosos conspiradores, houve a guerra do Solnado, notável peça de teatro dramático ao ar livre admiravelmente encenada para o país inteiro de frente do Ralis, houve a inesquecível assembleia selvagem do MFA onde, entre outras inspiradas iniciativas, foi criado o Conselho da Revolução, houve a suspensão do Partido da Democracia Cristã e do MRPP. Mas o golpe de misericórdia na bandeira da liberdade foi dado pelos militares revolucionários, cujos inolvidáveis feitos se encontram descritos no Relatório das Sessões, documento de enorme gravidade que ocultos interesses nunca deixaram desprender da sua insignificância material. Um papel de que já ninguém fala.

Para o lugar da recém-destruída bandeira das liberdades foi logo hasteada a bandeira do Socialismo. Em torno dela vieram o melhor das suas eloquências os mais resplendentes espíritos revolucionários da nossa conceituada praça. Os de inspiração cubana, soviética ou begeliana, os do poder popular e os do socialismo em liberdade, os admiradores do MFA peruano e os do coronel Kadafi, os incensadores da memória de Amílcar Cabral e os do socialismo segundo o figurino desse egrégio democrata que é Samora Machel... Ávidos de empunhar a bandeira do socialismo cada um à sua maneira, os numerosos grupos tanto puxaram que, como aconteceu com os antecessores, esfaraparam a pobre bandeira. Mais uma!

Muito à pressa, sob a esclarecida orientação do partido governamental, foi arreada a bandeira do socialismo e levantada, em sua substituição, a bandeira da Democracia. Para não se perder o bom tom já implantado, passou a falar-se assiduamente em social-democracia, sobretudo lá fora, para inglês ver. Pizemos o exame de admissão ao conselho da Europa e passamos a olhar com sobranceria os arrasados espanhóis. Entretanto, metemos os papeis para o exame de admissão ao Mercado Comum, ao mesmo tempo que contrávamos lições com afamados explicadores. Todavia,

por sugestão destes mestres, impressionados com a nossa precária preparação, sobre tudo na cadeira de Economia, parece que devemos guardar a prestação de provas para os exames de segunda época. Embora contemos no juri com bons padrinhos, já pedimos empréstimos uns contos de reis para intensificar a nossa preparação. Por causa disso não tem havido dinheiro para pagar algumas expropriações e algumas nacionalizações. Coisas sem importância mas que tem ocasionado uns rasgões na bandeira. Mas o que mais tem danificado a bandeira da democracia tem sido alguns assomos de tentações totalitárias! Já houve promessa de «porrada» a quem não se mantiver dentro das baias; existe o escândalo permanente da reforma agrária nas repúblicas populares do Alentejo; existe o problema do sepaarismo no que resta dos arquipélagos atlânticos, onde, surpreendentemente, o poder central não procura soluções políticas para o assunto temendo, num alarde de falta de imaginação, em enveredar por fórmulas repressivas...

Ainda tremulando, mas já muito estiada e passatada, com alguns remendos desajeitadamente cerzidos, a bandeira da Democracia pedia trégua. E é então que surge, firmemente empunhada pelo Supremo Magistrado da Nação, a bandeira dos Direitos Humanos. Bandeira que foi orgulhosamente passeada por terras de Espanha, mantém-se bem erguida e altaneiramente agitada.

Eis senão quando, uns senhores muito importantes, ostentando afiamadas maneiras e vistosas barbas, desesperados de não conseguirem por via judicial a satisfação dos seus recalamentos resolvem, servindo-se (é o termo) de prerrogativas que lhes foram conferidas pelo voto do povo, das largas aos seus desejos de vingança, por via administrativa.

E surgiu a inconstitucional lei n.º 1/77, que veio agravar retroativamente as penas aos funcionários da extinta polícia política e vem agora, a pingar ódio, a lei do novo saneamento da função pública. Como alguém autorizadamente lhe chamou, um verdadeiro aborto jurídico. E natural. Aqueles ilustres senhores são todos denodados antifascistas, intransigentes democratas, estremecidos amantes da liberdade, indefectíveis defensores dos direitos do Homem. Alguns até se juntaram numa Associação política sob a égide da memória do General Humberto Delgado. Pois em vez de se preocupar com a realização do julgamento daquele caso, que é uma peça indispensável à decifração de muitos mistérios dos tempos recentes, estão mais empenhados em continuar as semelhantes de ódios, fertilizadas com monstruosidades jurídicas, em clara indiferença pelos repetidos apelos à tão desejada concordia nacional.

Para adquirir a força de lei, o diploma das incapacidades cívicas deverá ser promulgado pelo Senhor Presidente da República. Certamente que, ao subscrever aquele bizarro documento, a mão que o assinará, a mesma mão que garbosamente vem sustentando a bandeira dos Direitos Humanos, irá tremer. E com razão. E que, a partir desse momento, mais uma bandeira ficará feita em tiras! E então melancolicamente, só uma bandeira nos restará!

A bandeira do Desespero.

F. REBELLO



APARTAMENTOS

Vendem-se com 2, 3, 4 e 5 assoalhadas de luxo, em S. Brás de Alportel, Loulé e Quarteira. AMÂNDIO & CAVACO. Av. da Liberdade — Telefones 42387/42433 — S. BRÁS DE ALPORTEL.

JUSTIFICAÇÃO NOTARIAL

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

2.º CARTÓRIO

Notário: Licenciada Maria Odilia Simão Cavaco e Duarte Chagas

Certifico, para efeitos de publicação, que neste Cartório e no livro de notas para escrituras diversas, n.º C-49, de fls. 80, v.º a 83, se encontra exarada uma escritura de justificação notarial, outorgada em, na qual Joaquim Fragoso Marcos e mulher, Declinda Cristina Murtas, residentes no sítio do Areeiro, freguesia de São Clemente, concelho de Loulé, se declararam donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, do seguinte prédio:

Rústico, composto de uma courela de terra de semear, com alfarrabeiras, com a área de 4 857 m², no sítio de Vale Formoso, freguesia de São Clemente, concelho de Loulé, confrontando ao norte com Manuel Chumbinho Coelho, do nascente com José Guerreiro Lima, do sul com Manuel Pires de Sousa e do poente com Joaquim Gonçalves do Carmo, inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo n.º 841, com o valor matricial de 2 420\$00 e o declarado de 5 000\$00, omissos na Conservatória do Registo Predial deste concelho, por quanto:

No inventário orfanológico, que foi instaurado e correu seus termos no Tribunal Judicial desta comarca, por óbito de Maria Genoveva, casada, residente que foi no aludido sítio de Vale Formoso, foram adjudicados e ficaram a pertencer aos filhos Manuel Pires Fragoso, que também usava Manuel Pires de Sousa, e mulher Maria da Piedade de Sousa Leal, Joaquim Fragoso Marcos e mulher, ao tempo solteiro e ora justificantes, Maria Genoveva e marido, Manuel Chumbinho Coelho, as fracções, respectivamente, de 9/24 indivisos, 5/24 indivisos, e 10/24 indivisos de um prédio de origem, que nesse inventário foi relacionado sob a verba número quatro, tendo as partilhas do mesmo sido julgadas por sentença de 23 de Maio de 1938, que transitou em julgado;

E em data imprecisa, mas que sabem ter sido por volta do ano de 1941, terem os justificantes e os referidos proprietários, procedido à divisão e demarcação, meramente verbal e, portanto, nunca reduzida a escritura pública, do

mencionado prédio de origem, tendo-lhes sido adjudicado e ficado a pertencer, em pagamento da sua quota ideal de 5/24, o prédio supra descrito e confrontado.

Que desde aquela data sempre os justificantes, possuíram o aludido prédio em nome próprio, e sem a menor oposição de quem quer que fosse, posse sempre exercida sem interrupção e ostensivamente, desde o seu início, com conhecimento de toda a gente, sendo por isso uma posse pacífica, contínua e pública, exercida sobre o mesmo, pelo que também o adquiriram por usucapião.

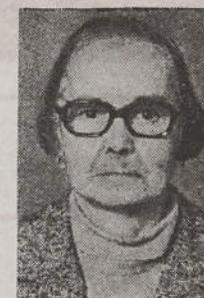
Que em face do exposto não lhes é possível provar o seu direito de propriedade plena, sobre o aludido prédio, pelos meios extrajudiciais normais.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 8 de Julho de 1977.

O 2.º Ajudante,
Fernanda Fontes Santana

LOULÉ



CÂNDIDA DIAS
FARRAJOTA

AGRADECIMENTO

Sua família vem por este meio testemunhar o seu reconhecimento a todas as pessoas que compartilharam da sua grande dor, e se dignaram acompanhar à sua última morada a sua saudosa e chorada extinta, não o fazendo pessoalmente, como era seu desejo, por desconhecimento de moradas e ilegibilidade de assinaturas.



Armelim Contreiras & Gonçalves, Lda.

STAND DE AUTOMÓVEIS
Compra, Vende e Troca Automóveis
novos e usados

Resid.: Rua dos Combatentes da
G Guerra, N.º 14-1.º-Esq.
Telef. 62919
Stand: Rua Diogo Lobo Pereira

(Largo do Chafariz)
Campina de Cima
LOULÉ

Fábrica de curtumes

VENDE-SE

Com armazéns e terreno anexo. Sem empregados, vende-se por motivo à vista. Situada junto ao Convento de Santo António, em LOULÉ.

Nesta redacção se informa.



JOSÉ GUERREIRO

NETO & FILHO, LDA.

SE PRETENDE ENCONTRAR UMA SOLUÇÃO PARA
O SEU PROBLEMA...

— IMPERMEABILIZAÇÕES:

COBERTURAS, PAREDES, FUNDAÇÕES, DEPÓSITOS, etc.

— PAVIMENTOS INDUSTRIALIS E PECUARIOS

— ISOLAMENTOS TÉRMICOS:

CAMARAS FRIGORÍFICAS, COBERTURAS, etc.

Uma equipa de pessoal especializado
encontrar-se-á ao seu dispor

Escritório: Rua Padre António Vieira — LOULÉ

TELEFONE 82283

ENFERMEIRAO

Precisa o Hospital de Loulé.
Tratar pelo Telef. 62013/14 — LOULÉ.

(3-1)

CRÓNICA DE ALBUFEIRA NOTÍCIAS PESSOAIS

Deu-se um acidente na estrada n.º 125, no Sítio de Vale Serves, cerca de 24:30 horas, quando um carro de matrícula francesa transportava um casal que viria passar as suas férias ao Algarve circulando no sentido Faro-Portimão, embateu num vulto embora tenha tentado evitar o acidente, o que não foi possível dada a proximidade.

Um acidente triste de que ninguém teve culpa talvez, pois tratava-se de uma senhora de certa idade a quem já faltavam a vista e os ouvidos e quem sabe se uma doente. A zona de tão grande movimento deveria ser melhor iluminada e sinalizada.

Enquanto alguns carros paravam ao ver o condutor afixo a fazer sinais com uma lanterna, pois o corpo ficou no meio da estrada e alguns moradores acorriam aos gritos do francês, alguém foi avisar os Bombeiros de Albufeira, os quais de imediato fizeram seguir uma ambulância para o local transportando a ferida ao Hospital.

Não esqueçamos que as nossas vidas e as dos nossos entes queridos podem depender da rapidez daquela ambulância e dos Bombeiros, que sempre prontos, aguardam a chamada e investem estrada fora arriscando as próprias vidas na procura de salvar o seu semelhante.

Considerando a acção dos Bombeiros de Albufeira um orgulho para o povo deste Concelho e um agradecimento para com eles, tudo devemos

fazer para melhores condições de trabalho e eficiência.

De recoahecer a atenção do Hotel Baltum para com estes lutadores na defesa do próximo, dando-lhes alimento e dormida para o pessoal em serviço.

● CORPORAÇÃO DE BOMBEIROS

Para o interesse comum e de todos, precisa esta nova Corporação de Bombeiros ser auxiliada para possuir melhores condições de trabalho no transporte de feridos ou combate a incêndios.

Não devemos esquecer que este concelho é uma zona centro de Turismo e de coração da Província Algarvia.

Não esqueçamos a família Cabrita que cedeu uma parte dum dos seus Imóveis para as Instalações Provisórias e as entidades que sem interesse pessoal, lutaram para se tornar possível e realidade uma Corporação de Bombeiros em Albufeira na defesa da Humanidade.

De realçar o serviço hospitalar nos primeiros socorros de urgência a feridos transportados pelos Bombeiros ao hospital local.

Que não falte a coragem a estes bons amigos do semelhante tentando salvar-lhes as vidas ou haveres e que todos nós demos as mãos em sua ajuda.

Esperemos que não seja em vão mais este apelo para defesa desta nova Corporação de Bombeiros, não esquecendo que muitas das vezes, salvam vidas arriscando as suas. — C.

PARTIDAS E CHEGADAS

Em gozo de férias vindo de Vancouver — Canadá, onde há anos reside, encontra-se em Loulé o sr. Joaquim Sousa Gonçalves, que veio acompanhado de sua esposa sr.ª D. Ana Carrusca Gonçalves e de seus filhos Helder Carrusca Gonçalves e Milene Carrusca Gonçalves.

— Vindo de Valencia (Venezuela) onde há 26 anos reside, encontra-se de visita a sua família, o sr. António Sousa Moreira, acompanhado de seus filhos Maria da Conceição Sousa Molina e David Sousa Molina.

FALECIMENTOS

— Em casa de sua residência em Loulé, faleceu no passado dia 30 de Junho o sr. Custódio Cavaco, que contava 58 anos de idade e deixou viúva a sr.ª D. Maria Joaquina Cavaco.

O saudoso extinto era pai do sr. José Custódio Cavaco, casado com a sr.ª D. Hemínia Nascimento Lampreia, residente em França e da sr.ª D. Maria Fernanda Joaquina Cavaco e avô de Paulo José Nascimento Cavaco.

No Hospital de Santa Maria em Lisboa, faleceu no passado dia 30 de Junho a sr.ª D. Vitalina Maria Gonçalves Paulino, que contava 48 anos de idade e deixou viúvo o sr. Lucino das Dores Rosa, nosso dedicado assinante e amigo.

A saudosa extinta era mãe da sr.ª D. Ludovina Maria Gonçalves Rosa, casada com o sr. José Manuel Joia Cabrita e avô dos meninos Nuno Miguel Gonçalves Rosa Cabrita e Luísa Gonçalves Rosa Cabrita.

As famílias enlutadas endereçam suas sentidas condolências.

VALE DA ROSA — LOULÉ



VENTURA DOS SANTOS VAIRINHOS

Sua família vem por este meio testemunhar o seu reconhecimento a todas as pessoas que compartilharam da sua grande dor, e se dignaram acompanhar à última morada o seu saudoso e chorado extinto, não o fazendo pessoalmente, como era seu desejo, por desconhecimento de moradas e ilegibilidade de assinaturas.

ALUGA-SE ARMAZÉM

Situado na Rua Frei Joaquim de Loulé, 31 — LOULÉ. Tratar com Felisberto da Silva Mendonça — Café Avenida — LOULÉ. (4-1)

OFERECO 1.000\$00

A quem informar apartamento para alugar em Loulé. Resposta a este jornal ao n.º 30.

Vende-se casas

De rés-do-chão no sítio da Alfarrobeira, próximo do Castelo do Moinho. Nesta redacção se informa.

VENDE-SE

Papel usado. Tratar pelo telefone 62254 — LOULÉ.

**É COMERCIANTE
NO ALGARVE?
FELICITAÇÕES**
**TAMBÉM A UTILMOVEL
ACREDITA NO FUTURO DESTA REGIÃO**

- ★ UTILMÓVEL abriu a sua NOVA FILIAL DIRECTA NO ALGARVE, Rua Cunha Matos, 10-B em Faro.
- ★ Telefone: VINTE SETE QUATROCENTOS E QUARENTA E QUATRO. (27444)
- ★ UTILMÓVEL são equipamentos das marcas, Angelo Po, Arneg, Chergui, Faema, Jet Spray, Regina...
- ★ UTILMÓVEL é modernização de estabelecimentos, sistemas de auto serviço, novas cozinhas industriais e centrais, restauração diferida, frio comercial e industrial para todas as necessidades de congelação e conservação, atraentes e eficientes snacks e self-services, todo o equipamento para a hotelaria.
- ★ UTILMÓVEL são equipas técnicas com stocks de acessórios que asseguram funcionamento ao vosso equipamento.
- ★ UTILMÓVEL são consultores técnicos comerciais estudando o problema no local, aconselhando a melhor solução.

UTILMÓVEL

uma organização ao serviço da hotelaria, comércio e indústria alimentar

Entrevista com o Presidente da Sociedade Filarmónica «Artistas da Minerva»

(continuação da pág. 1) aos novos corpos directivos da velha «Música Nova» que a sua dignidade de dirigentes não pondera pela influência de qualquer organização partidária, nem a sua acção naquela associação cultural ficará sujeita a determinantes ideológicas que não sejam as de bem servir e as de elevar mais alto o nome e o prestígio da terra que os viu nascer.

Sabemos, que, neste País que é o nosso, já houve o engenho e a arte de muitas sociedades terem sido tomadas de assalto — se é o termo — para aí se exercerem actividades que de forma alguma se identificaram com a pureza dos seus preceitos estatutários.

Sabemos, também, que a «Música Nova» nunca afiou por tal diapasão, e, agora, mais do que nunca, acabámos por bem visitar aquela casa não só para sabermos o que ali se passa, como, também, para podermos dar uma imagem mais precisa aos leitores do «nossa jornal» do trabalho que aquele grupo de homens de boa vontade ali pretende fazer.

Recebeu-nos o Presidente da Direcção daquela colectividade, sr. Silvino Seruca Carpinteiro, pessoa muito conhecida e estimada no nosso meio que começou por nos dizer:

— O Povo, o nosso Povo, e em especial o Povo da nossa vila, está cansado de ver as suas sociedades recreativas resumirem a sua actividade a uns simples baileiros pelo Carnaval, por altura dos Santos Populares, e pouco mais. Ora, em meu entender, isso leva as pessoas a divorciarem-se da prática do associativismo e enveredarem por outros meios de passar os tempos livres, uma vez que a passmaceira — chamemos-lhe assim — em que as sociedades recreativas parecem ter caído, não me parece a mais convidativa para atrair as pessoas para o seu seio, acabando mesmo por as empurrar para outras práticas cujos resultados são por vezes bem menos compensadores.

Salvo honrosas excepções, as sociedades recreativas de Loulé estão mortas ou quase que não funcionam.

E neste aspecto, os louletanos revelam sérias preocupações e querem que assim não seja. Querem, porque o merecem, por um lado. Por outro, temos também que ter em conta as velhas tradições recreativas e culturais que sempre têm ilustrado a nossa terra.

Por isso sabemos que eles vêm com bons olhos os nomes da nova Direcção desta casa, e muitos deles até, já nos ofereceram a sua colaboração para nos ajudar na concretização do conjunto de tarefas que efectivamente nos propomos meter ombros.

P. — Portanto, não só a Banda como até já célebre grupo «Os Sempre Prontos» vão continuar em força, não?

R. — Julgo que sim. Até porque estamos empenhados nisso com todo o nosso entusiasmo. Como certamente se deve recordar, em Loulé havia duas Bandas. Uma, infelizmente, já morreu, ou quase. A outra, que é esta nossa, se não houver ninguém disposto a garantir-lhe continuidade acabará por ter o mesmo destino.

E nós não queremos que isso aconteça. E mais, estamos até dispostos a fazer dela não só a Banda que os louletanos merecem, como também, uma das melhores e mais bem organizadas do País.

P. — Ao que julgo compreender das suas palavras a preocupação desta nova Direcção reside fundamentalmente em torno da Banda Musical?

R. — Reside em torno da Banda e não só.

P. — Poderá desenvolver-nos mais abertamente o que se esconde por detrás do seu «não só»?

R. — Concretamente. Então, tome nota: Nós entendemos que paralelamente à música propriamente dita, devemos fazer da «Música Nova» uma casa de cultura a sério. No que respeita à Banda Musical, pretendemos ampliá-la com novos músicos, novos instrumentos, e reforçar o seu já vasto repertório.

Prendemos ainda dar vida a uma «Escola de Música» através de sistemas apropriados pelo que, nesta altura, contamos já com uma mão cheia de rapazes que aqui andam a fazer a sua adequada aprendizagem.

Pensamos também adquirir novos fardamentos, uma vez que aqueles que presentemente possuímos deixam antevers claramente que ao longo da sua existência já viveram melhores dias.

Pensamos ainda envidar todos os esforços para uma mais ampla actividade musical poher parte da nossa Banda, não só fomentando um maior número de saídas pelo País, como também, continuar a cimentar o nosso prestígio no sul da Espanha e, se possível, ir até

junto dos nossos emigrantes aí por essa Europa fora à semelhança do que acontece com outras Bandas Portuguesas.

Convém recordar que nesta altura já possuímos em carteira dois novos contratos para outras tantas saídas ao Sul de Espanha. Por outro lado, é sempre bom realçar que durante a semana que agora acabou de terminar foram três as deslocações da nossa Banda a diversas terras do Distrito.

Mas para já, e como tarefa prioritária, iremos pintar, beneficiar e remodelar a nossa sede de forma a que periodicamente possamos efectuar teatro, folclore, exposições, etc.

É nossa intenção também realizar palestras, colóquios e conferências, trazendo até nós pessoas altamente qualificadas para o efeito.

P. — Parafraseando aquele reclame publicitário agora muito em voga na Televisão, eu pergunto: E dinheiro?

R. — Aí reside sem dúvida a nossa principal dor de cabeça. Nós temos poucos sócios. Muito poucos mesmo. Ao longo dos anos uns foram perdendo o entusiasmo e afastando-se, outros, por sua vez, deixaram de pagar as suas quotas. É nossa tarefa alargar o leque de sócios da Sociedade e reconquistar aqueles «adormecidos».

Iremos também contactar a nível nacional os Organismos adequados e outros de forma a obtermos o apoio necessário para que possamos pôr de pé os própositos que nos animam.

Contamos ainda com a sempre bem recebida colaboração dos nossos conterrâneos que residem fora de Loulé, e também com a amizade e carinho dos nossos amigos emigrantes que espalhados pelos diversos cantos do Mundo não esquecem a sua banda e muito menos a sua terra e o seu progresso.

Para uns, e para outros, que com a sua colaboração nos ajudarem a não deixar morrer a nossa «Música Nova», iremos criar um quadro de honra especial onde os seus nomes ficarão para sempre afixados no salão principal da Sociedade.

P. — Esse quadro de honra com os nomes dos beneméritos da «Música Nova» ao ser afixado no salão principal da Sociedade tem algum significado político?

R. — Não. Nós aqui não fazemos nem admitimos que se faça política. A nossa política aqui é apenas uma: a cultura. Trabalhar em prol da cultura da nossa terra e nada mais. E pode estar ciente que esta Direcção de forma alguma admitirá que sob a capa de cultura se venham a praticar nesta casa jogadas menos limpas ou actividades que nada tenham a ver com os preceitos estatutários que nos regem.

Esse quadro de honra que lhe falei, ao ser afixado no salão principal da Sociedade, representa apenas uma homenagem singela mas profunda, através da qual a Direcção pretende distinguir e dar o seu muito obrigado a todos aqueles que com a sua contribuição ou o seu donativo um dia quizeram que a «Música Nova» não morresse.

E pronto. A entrevista tinha chegado ao fim.

Regressámos com a firme convicção de que na «Música Nova» se quer efectivamente trabalhar a sério, e de que, em Loulé, apesar de tudo, ainda existem alguns bairristas.

Existem poucos, é certo. Mas esses poucos que existem, são bons.

Por isso, caro leitor, aqui fica o meu recado: — Ajudem estes homens. Pois só com homens dessa temperatura é que nós poderemos fazer de Loulé a Loulé que todos nós ansiamos.

PEDRO GOMES

Olha temos agora a «guerra da parra»

(continuação da pág. 1) te, com as devidas excepções, que até tem família, filhas e filhos a educar, considera em termos de indiferença esta nova importação de modismos lá da estranha onde a sociedade, que faz vista grossa aos dissílates dissolutos da sua mocidade, ganhou a fama viral e simpática de «permissiva».

Será que vai mesmo a sociedade portuguesa, com os seus defeitos e as suas virtudes próprias, transigir e conhecer mais um abastardamento?

O Zé, que de há uns tempos para cá já não pode descurar a sua formação «sócio-política» (pois, não leva a bem que o chamem de atraçadinho mental), acha que anda p'ra qui parreira a preparar o terreno propício para mais uma «maneira torcionária» dos bons costumes, sinónimos da dignidade e da compostura das pessoas.

Repara com efeito no assalto a que a instituição familiar está muito ardilosamente submetida, desde que, a coberto de pretextos falaciosos, se pretende insinuar que para «novos tempos, novas gentes».

O cinema forneceu o tema e o mote da difusão da pornografia, logo secundado por revistas e livros que exploraram sem tardanças o sensacionalismo da novidade posto no escaravelho público.

O Zé que já espera a argúcia do interlocutor adiante a pregunta:

— Mas que tem a ver o nudismo com a pornografia?

É uma interrogação hipócrita, ao atender-se que o advento do nudismo em Portugal ficará devendo muito

à banalização da pornografia cinematográfica que fará ruir, nas consciências hesitantes, as barreiras impeditivas e depuradoras.

Quer queiram quer não os novos fariseus, o nudismo, que não corresponde à índole do nosso povo, está aparentado com a pornografia, sendo só desculpável ante «miséria material» e não pela «miséria moral». Por esse motivo o aforismo popular algo satírico, sentencia: «Diz o roto ao nu, o que vestes tu?» A «miséria material» envergonha-se até dos farrapos que a cobrem; a «miséria moral» pelo contrário, ufana-se da sua patente e ostensiva nudez.

O Zé que se põe para formar os seus confrontos e comparações, acha que não será através do nudismo público (que não tem nada de ingênuo e candido) que se reentrará no jardim das bem-aventuranças, donde Adão e Eva, encobrindo a sua nudez com folhas de parra, foram expulsos.

Agora, faz-se guerra até à parra!

Como os tempos e os ventos mudam, como estão acirradas as contradições: os rotos pedem fato e os vestidos querem o nu.

O Zé que às vezes perde o sentido exacto das distâncias, julga que para se fazer a vontade a tal «súcia... dada» se deveria atender os seus quereres, sim senhor, mas no rigor do inverno, quando o frio aperta e enrije a epiderme. Fora disso, nada.

A opinião do Zé está lançada.

Quem alinha?

Do Zé Ninguém

ALGARVE

300\$00

650\$00

LISBOA

300\$00

PORTO

(E VICE-VERSA)

Nas suas deslocações, prefira os «Super-Pull Man» de luxo que a Mundial de Turismo pôs agora à sua disposição.

Modernamente equipado c/ 4 canais individuais de música, lavabos, ar condicionado, bar, serviço gratuito de chá, café ou sumos, revistas e jornais e assistente de bordo.

Partidas diárias de Quarteira às 07,55 (junto ao Hotel Toca do Coelho).

Reservas e informações M. Martins da Silva, Telef. 65457 — Av. Marginal (junto ao Hotel Toca do Coelho) — QUARTEIRA.

SURDOS

CASA

SONOTONE



Últimas novidades em aparelhos auditivos, óculos só de encostar à cabeça sem fixe nem pipetas. Se têm falta de compreender as palavras procure-nos para fazer um exame e uma demonstração que é gratuita. Prestamos assistência técnica. Pilhas de todas as voltagens. LARINGES ELECTRÓNICAS para os operados à laringe. Pedimos uma visita com a qual ficamos muito agradecidos em:

DIA 26 DE JULHO 3.º-FEIRA

Lagos	— Farmácia Silva	— das 9 às 10
Portimão	— Farmácia Central	— das 11 às 12
Loulé	— Farmácia Chagas	— das 15 às 17
Moncarapacho	— Farmácia Aboim	— das 18 às 19

VENDEDORES / AS

PRETENDE-SE EM REGIME COMISSIONISTA PARA DEPARTAMENTO DE REPRESENTAÇÕES NO ALGARVE.

CONTACTAR PESSOALMENTE NA RUA FREDE-
RICO LECOR, 10-1.º, ESQ. — FARO (junto às oficinas da Datsun) DIARIAMENTE DAS 18,30 ÀS 19,30 horas.

APARTAMENTOS



Vendem-se com 3 e 4 assoalhadas de luxo, Bloco em construção na Urbanização Expansão Sul, lote B (saída par Faro).

MANUEL RICARDO M. DA SILVA & C.º LDA.
— Construção de edifícios para venda em propriedade horizontal.

Escritório e residência na R. dos Combatentes da Grande Guerra, 56 — Telef. 62449 — LOULÉ.

PROBLEMA DA HABITAÇÃO EM LOULÉ

(continuação da pág. 1)
propriedades tinha por objectivo autorizar as pessoas a impedir que se atrevessem a construir qualquer casa...

O objectivo foi conseguido mas as pessoas ficaram com a ideia de que era possível ter a sua casa própria através de cooperativas, visto que estava sendo combatido o sistema senhorial/inquilino.

A ideia da cooperativa-habitação também entusiasmou muita gente em Loulé que se inscreveu e ainda não sabe quando poderá ter a sua casa, pois persiste o problema da falta de terreno.

«Chegou a falar-se como uma certeza que a propriedade da família Lázaro (a norte da Avenida Costa Mealha) seria finalmente expropriadada e aí se faria um belo bairro residencial.

Projectos?

Já os conhecemos, executados há mais de 20 anos e até estiveram expostos à apreciação pública.

Depois disso, tem sido um rosário de atrações sem conta, atribuindo-se sempre à tremenda dificuldade de se conseguir qualquer espécie de acordo com os proprietários do terreno.

Preços proibitivos, condições inaceitáveis, temosias persistentes e, talvez o sonho químérico da existência de poço de petróleo na zona...

Depois é todo um emaranhado de problemas cujo fio da meada será difícil encontrar.

Entretanto o GAPA fez projectos, que o Primeiro Ministro Pinheiro de Azevedo apreciou e tudo continua na mesma.

Culpa do GAPA?

Culpa da Câmara de Loulé?

Culpa das entidades em Lisboa onde os projectos adormecem em letárgico sono?

O certo é que os associados dum Cooperativa já constituída querem começar suas casas e ainda não sabem onde nem como.

O que sabem é que mês após mês todos os materiais de construção continuam subindo e que vão sendo reduzidas as possibilidades de realizar o seu sonho de «casa própria» para morar.

Será assim que o Governo quer ajudar os trabalhadores deste país a viverem em casas decentes?

Será criando dificuldades imensas que o Povo vai passar a ter mais e melhores casas?

Os sócios da Cooperativa interessada na auto-construção são trabalhadores que querem a sua casa construída dentro da legalidade e da honestidade, mas querem também que a Câmara de Loulé consiga do Governo a força corajosa dum rápida decisão.

Não podem esperar mais, porque o que esperaram já é demais.

É curioso salientar que, até aqueles que se dizem comunistas, também sonham ter a sua casa própria... esquecendo-se, inocentemente que, nas ditaduras comunistas, as casas são propriedade do Estado... Aí diz-se, tudo é do Povo, mas na verdade, o Povo não pode ter nada... porque só os grandes senhores do Partido podem gozar os privilégios da sua «su-

PRECISA-SE DE CASAL

Para tomar conta de uma horta, no sítio do Conde de Guadalupe. Oferecem-se boas condições.

Para mais informações contactar com António Gomes — Vale Judeu — LOULÉ.

VENDE-SE CASA

Com rés-do-chão e 1º andar na Av. José da Costa Mealha, 123 — LOULÉ.

Nesta redacção se informa.

MONTE

Vende-se um monte com casa de habitação e terra de semear e árvores no sítio da Fonte de Apra — Loulé.

Tratar com Francisco Viegas — Estrada Nacional — Almansil — Poco.

(2-1)

ASSINE
«A VOZ DE LOULÉ»

V. A.

DUAS NOVAS FORMATURAS

(continuação da pág. 1)

— permitam-nos este tratamento mais familiar — antes de se matricularem na Faculdade de Direito, em 1972 (ele) e no ISEL (ela, também em 1972) frequentaram, respectivamente, o Liceu Nacional de Faro e a Escola Técnica de Loulé e a Escola «Josefa de Obidos», de Lisboa.

Ao futuro advogado M. Sequeira

Afonso e à Engenheira Técnica Civil Apolinária Maria N. Mealha Sequeira Afonso apresentamos os nossos sinceros parabéns — que, naturalmente, fazemos extensivos a seus pais, respectivamente, sr. José Joaquim Afonso e D. Ilda dos Santos Sequeira residentes em Loulé, e sr. Quirino de Sousa Mealha e D. Maria do Sameiro Mendes Nunes, residentes em Quarteira.

**Dinheiro
faz
Dinheiro
Mais
dodobro**

OBRIGAÇÕES DO TESOURO - FIP/77

classe B

- valor nominal 1.000\$00.
- títulos de 1 e 10 obrigações
- juro de 8% ao ano pago ao semestre. Em 15 de Junho e 15 de Dezembro de cada ano.
- isenção total de impostos.
- amortização em parcelas anuais de 10% cada, a partir de 1978.
- A primeira é paga em 15 de Dezembro de 1978.
- prémio de reembolso igual ao total do valor subscrito.



investir dá força ao seu dinheiro

Consulte as Instituições de Crédito

QUOTIDIANOS

a crónica de
JOSÉ MANUEL MENDES

«PELES DE BATATA»

Estava uma daquelas tardes encaladas em que não nos apetece mexer uma palha mesmo quando nos vêm chatear à porta. Foi o que aconteceu.

Durava aquele período de ruminância post-almoço, entre as horas catorze e quinze. O Café Avenida, na outra sala que não do balcão, regorgitava de ares sonolentos, entremeados aqui e ali dumas colunazitas de fumo ziguezagueando com alguma mosca desprevenida que sempre vem atraída por este cheiro de bica de sete mil e quinhentos, e as vozes até nem se exaltavam muito, batiam mesmo uma ressonância de pacchorra e pacatez, autêntica trégua na discussão política, na alcovite da cavaco, na análise da situação.

Foi neste ambiente que chegou o personagem da nossa história.

Entrou calmamente com o pé esquerdo na premeditação, um ar luarento nos olhos embaciados, o corpo arrastado também no enrodilhar da dança monótona da tarde, abriu muito fraternalmente os braços magros, sorriu amplamente a bigodeira farta de lado a lado, meneou teatralmente a ourfia excrecência capilar e desabafou com todo o desplante e à vontade que a sua «pedrada» lhe conferia:

- «Hiiiiááá, caragol»
- «Liamba, caragol»
- «LSD dois mil!»
- «Peles de batata, caragol»

Perante o imperceptível movimento de atenção por parte da assistência, desfechou-lhes com a sua inspiradíssima máxima:

- «É SÓ BURGUESIA!»
- «É só burguesia!»

E por entre duas vénias a modos de desejitado, recuou para a brasa soalheira da rua, abriu a porta de trás dum renault desasseis branco, esticou o pernil e estendeu-se alegremente no assento, perante o olhinho enraivecido do proprietário que assim espreitava por uma fresta entre as cabecinhas divertidas da clientela, proprietário que salvo erro é dentista, e assim rangia os dentes no comodismo de não lutar contra a chatice de ter que se levantar, e preferiu muito filosoficamente esperar para ver no que aquilo dava, e saborear a magra satisfação de pensar o que faria se apanhasse aquele safado no seu salão de trituração dentífrica.

Dentro da viatura, o herói da história gozava o prazer burguês com todo o deleite que a sua viagem vertiginosa pelos mundos da alucinação decerto lhe proporcionava. Foi uma alegria. «Abstractamente» interpretada.

— «Hiiiiááá caragol! Liamba! LSD dois mil! Peles de batata. É só burguesia!»

- «Hiiiiááá, caragol»

ANTES PREVENIR QUE REMEDIAR

Nos meios de difusão atinentes à prevenção e segurança de trabalho, vêm permanentemente recomendações que embora mais ou menos sabidas nunca devem ser esquecidas. Quantos descasos e desatenções têm dado azo a acidentes deploráveis e até a sinistros de gravidade?

Por essa razão, antes que a rotina reduza a capacidade de reflexão, será bom recordar:

Para os que fumam — Fume sómente em áreas autorizadas; Não fume nem acenda cigarros perto das áreas de armazém; Use cinzeiros e recipientes seguros para deitar as pontas dos cigarros; quando apagar o cigarro, certifique-se de que ficou bem apagado.

Para os que soldam — Verifique o equipamento antes de o utilizar; Faça o trabalho num local seguro; Use máscara de proteção; Deve soldar a grande distância de combustíveis, gases e vapores; Verifique as áreas onde caem as lâminhas incandescentes; terá sempre o extintor perto do ponto de operação; verifique se as mangueiras possuem válvulas anti-retorno de chama.

Para os que manejam líquidos inflamáveis — Maneje os líquidos inflamáveis ao ar livre ou em lugares de bastante ventilação para possibilitar a dispersão de vapores; o calcado ou a roupa impregnada de óleo ou outro líquido inflamável devem guardar-se em recipientes metálicos fechados; Armazene os líquidos inflamáveis em recipientes metálicos de segurança comprovada.

Para os encarregados da limpeza — Deite os desperdícios em recipientes metálicos; Não tape nem obstrua os extintores ou os locais onde se encontram as mangueiras e outro material contra incêndio; Mantenha as escadas e portas de emergência sempre livres.

PRESO POR SUSPEITA E DESACATO À AUTORIDADE

Alta madrugada do passado dia 1 do corrente, foi detido por suspeita e desrespeito à autoridade, José Martins Pereira, de 27 anos de idade, empregado de escritório, residente em Lisboa, que junto da Farmácia Avenida dava indícios nítidos dos propósitos que o animavam: o de penetrar naquele estabelecimento. Assim se suspeita.

Interpelado pelas representantes da PSP, este indivíduo ripostou com gesto agressivo o que lhe valeu a captura.

Na esquadra policial apresentou sinais de drogagem, não conseguindo provar a sua identificação.

Proibição de fumar nos recintos desportivos cobertos

Numa circular distribuída aos órgãos de informação social, a Associação de Basquetebol de Faro, faz-se referência à proibição de fumar nos recintos desportivos nestes termos:

Pelo Despacho n.º 134/77, de 19-5-77, do Secretário de Estado da Juventude e Desportos fixa normas sobre a proibição de fumar nos recintos desportivos durante a realização de actividades desportivas nos recintos cobertos, normas que entram em vigor a partir de 1 de Outubro deste ano. Chamamos a atenção dos utentes dos dois Pavilhões para esta determinação superior e pedimos o máximo do esforço dos Clubes em prol desta campanha de desintoxicação da humanaidade, e da juventude em particular.



PORQUE ESCREVO

para «A VOZ DE LOULÉ»

Sentindo a necessidade profunda de escrever e expressar livremente as minhas ideias, resolvi contactar com o sr. director e proprietário da «Voz de Loulé», e explicar-lhe o meu gosto por tudo quanto se relaciona com o jornalismo. Atendido maravilhosamente, fui apresentando, ao longo destes últimos meses, alguns artigos que, de certo modo, mereceram a atenção do sr. director e da redacção do jornal.

Nos meus trabalhos apresentados, tenho tentado exprimir-me tal qual eu penso, vejo, sinto e ouço, sem estar sujeito a qualquer tutela partidária, embora tenha, como qualquer cidadão, as minhas tendências. Escrever para um jornal principalmente quando não se é jornalista ou profissional do género, é extremamente difícil, e os obstáculos a transpor são numerosos, se se pretende analisar as coisas com exactidão. É absolutamente normal que os meus artigos não tenham agrado aos leitores, pelo menos à maior parte, mas quero que eles fiquem convictos de que dei o melhor do meu esforço e sobretudo dizer-lhes que aquilo que escrevo reflecte uma certa interiorização, não se confundindo com a maneira fácil de escrever de certos profissionais camuflados. Tento aperfeiçoar-me constantemente e sinto uma grande vontade de melhorar os meus artigos, de modo a que possa contribuir para a valorização e dignificação do jornal. Entendo que cada indivíduo deve valorizar-se e aperfeiçoar-se consciente a sua inteligência e capacidade, em liberdade democrática, sem a influência dirigista comum aos estados totalitários. Os direitos humanos devem ser defendidos em qualquer parte, onde se encontrem ameaçados. Assim sou este prisma, pensei que a melhor maneira de desmascarar os inimigos da liberdade, da democracia e da independência nacional, seria escrevendo para o jornal da minha terra. Algumas pessoas têm analisado os meus artigos e têm vindo a insurgir-se contra o seu conteúdo crítico com que se apresentam. Efectivamente, devo afirmar que embora eles sejam essencialmente críticos, procuram basear a sua estrutura numa crítica construtiva e digna, sem pôr em causa a liberdade humana. Pretendo reflectir os males

Antes de terminar este breve trecho, quero agradecer a amabilidade do sr. director e daqueles que me incitaram a escrever para o jornal. Espero dar o meu máximo contributo à consolidação da democracia. Não é fácil ser escritor, não é fácil falar verdade, mas estou convencido que Portugal seguirá o caminho certo e saberá eliminar os desestabilizadores.

LUÍS PEREIRA

ESTARÁ PARA BREVE a autonomia financeira dos municípios?

(continuação da pág. 1)

ção da contribuição predial rústica e urbana, e a participação do imposto único sobre o rendimento das pessoas físicas e sociedades da área da sua jurisdição, constituiriam uma base financeira que propiciaria a autonomia económica das autarquias.

Se o referido diploma merecer aprovação, deverá entrar em vigor em 1 de Janeiro de 1978, ficando as autarquias locais das regiões autónomas sujeitas a legislação especial a publicar.

De acordo com o diploma aludido, passariam a ser receitas próprias dos

municípios os produtos da cobrança do seguintes impostos municipais:

Imposto Fundiário; Imposto sobre Veículos; Imposto sobre Serviço de Incêndios; Imposto de Turismo; Derramas; uma participação no produto localmente arrecadado do Imposto Único sobre o Rendimento de Pessoas Físicas e Sociedades (que deve entrar em vigor em 1 de Janeiro de 1978); e uma participação num Fundo de Perequeação Financeira, criado pelo mesmo diploma, que passará a ser inscrito todos os anos no Orçamento Geral do Estado e que se destina a intervir como mecanismo corrector nas assimetrias que se verificam entre os recursos fiscais das diversas autarquias locais.

O SIGNIFICADO

DE UMA ATITUDE

(continuação da pág. 1)
me também houve gente honesta e capaz de se dedicar devotadamente ao bem comum?

Aplaudindo sem reservas a meritória atitude, lembramos que o esquecido Parque tem na sua extremidade nordeste uma preciosa mata que se deve à inspirada iniciativa desse homem de bem que é Filipe Leal Viegas.

Como tudo seria diferente em Portugal se os responsáveis tivessem a coragem política de que dá provas o senhor André de Sousa!

RANCHO FOLCLÓRICO

BASCO NO ALGARVE

Entre 21 e 25 de Agosto actuará no Algarve o Rancho Folclórico «La gunte a maita», (Amicale des Basques de Pau), que com o apoio da Comissão Regional de Turismo do Algarve efectuará 4 espectáculos em locais a designar. Este agrupamento interpreta cantos e danças das sete províncias de expressão basta — Alava, Biscaya, Guipúzcoa, Navarra; Labourd Basse, Soule, etc.

«Ratos» do Mercado

— Os talhos as principais vítimas

HÁ RATONEIROS DE TODOS OS SOTURNOS

Os que alvejam saques chorudos e outros nem tanto: o que o acaso lhes proporciona. Há entretanto uma peculiaridade comum a todos eles, um faro especial para aproveitar a menor imprevidência, a menor desatenção e espreitar os pontos vulneráveis dos re-dutos a devassar:

Há tempos atrás, quando a vaga da ladraagem ainda não se tinha pronunciado, até se compreendia a negligência do comerciante, que podia deixar, sem quaisquer precalços a lastimar, as portas do seu estabelecimento accidentalmente encostadas ou apenas no trinco da fechadura:

Agora... nem nos ferrolhos basta.

Para o confirmar observe-se o que tem ocorrido no mercado municipal, que passou a constituir teatro frequente das incursões nocturnas de intrusos.

Durante largos anos da sua existência, os sólidos portões de ferro que o encerravam depois dos períodos diurnos do seu funcionamento eram suficientes para o salvaguardar eficientemente de mãos menos escrupulosas.

Isto, no decurso de muitos anos a fio. De repente, com o grassar da criminalidade, os «amigos do alheio» passaram a introduzir no mercado por intermédio das aberturas existentes entre os portões e as arcadas.

Alarmado com as piores, o Município local resolveu acrescentar uma rede metálica, que só não está a surtir os efeitos esperados porque não tapou por completo a referida abertura.

Escusado será dizer que os la-rápios, tal como o rato, escolhem esse vão ainda aberto para se insinuarem no mercado e tentarem a pitagem.

Os talhos, ao que parece, têm sido os escolhidos preferentemente pela sua voragem, mas qualquer um outro estabelecimento ali integrado pode a dado momento transformar-se no objecto das suas piores e latrocínios. Todos estão sujeitos aos mesmos riscos e correm a mesma sorte.

Há pois que acutelar as circunstâncias e pôr um travão à ladraagem.

Convém, portanto, completar o encerramento dos portões e adicionar à rede metálica o acréscimo necessário para que os umbrais do mercado fiquem convenientemente herméticos durante a noite, preservando assim os bens ali armazenados da cupidez parasitária dos que só vivem à custa do labor do próximo.

Caberá assim à Câmara Municipal, como proprietária do mercado central zelar pela segurança do mesmo.

Estamos convictos que não deixar de tomar as providências que as decorrências ali tão frequentemente verificadas, impõem sem delongas.